

ÉROS PEDERÁSTICO, ELEGIA GREGA ARCAICA: SÓLON E SIMÔNIDES

Giuliana Ragusa* *Professora associada
Rafael Brunhara** (livre-docente) de
língua e literatura
grega, Universidade
de São Paulo.

Recebido em: 15/03/2021

Aprovado em: 05/06/2021

gragusa@usp.br



**Professor adjunto
de língua e literatura
grega, Universidade
Federal do Rio
Grande do Sul.

rafael.brunhara@gmail.com



RESUMO: Este artigo discute os poemas explicitamente homoeróticos de Sólon (frs. 23, 24 e 25) e Simônides (frs. 21, 22), a fim de identificar como se dá a representação da pederastia na elegia grega arcaica.

PALAVRAS-CHAVE: elegia; Sólon; Simônides; homoerotismo.

PEDERASTIC EROS, ARCHAIC GREEK ELEGY: SOLON AND SIMONIDES

ABSTRACT: The article discusses the explicitly homoerotic poems of Solon (fr. 23, 24, 25) and Simonides in order to verify how pederasty is represented in archaic Greek elegy.

KEYWORDS: elegy; Solon; Simonides; homoeroticism.

Um dos mais antigos poetas elegíacos arcaicos, Mímnermo (meados do século VII a.C.) tem como uma de suas mais célebres composições o Fr. 1,¹ no qual, tendo equiparado a vida a Afrodite – à existência erótica –, elenca os males da velhice, entre os quais, o de se tornar “detestável aos meninos e desonrado às mulheres” (ἐχθρὸς μὲν παισίν, ἀτίμαστος δὲ γυναιξίν, 9). Não se trata, ao contrário do que se dá sobretudo com os mélicos Anacreonte e Íbico, ativos em c. 550 a.C., de poeta reconhecido em especial pela poesia pederástica, mas, pela temática erótica e a perspectiva

¹ As elegias são citadas na edição de West (1998), e suas traduções, de Ragusa e Brunhara (2021, no prelo), sendo de Ragusa (ver também 2008, p. 53-60) a tradução e comentário do Fr. 1 de Mímnermo, ora retomados.

hedonista. Isso dito, note-se, no destacado verso, a especificação da exclusão do velho da arena erótica em dupla chave: homoerótica-pederástica e heteroerótica.

A pederastia, vê-se, é parte da atuação social do homem adulto. Bastante disseminada pelas *póleis* arcaicas, estabelece-se em relações nas quais o homem adulto é o amador (*erastés*) que seduz o *éphēbos* (efebo, “o que está na juventude, o jovem”) ou *país* (menino) que é o amado (*erómenos*). Os termos que o nomeiam são equivalentes na poesia pederástica, que prefere o segundo, palavra técnica para o “parceiro júnior”, afirma Kenneth J. Dover, em *Greek homosexuality* (1989, p. 85), “mesmo quando ele já atingiu a altura de um adulto e os pelos começaram a crescer em sua face”, o que dele faria, a rigor, um efebo.

A finalidade da relação está delineada nesses papéis firmados em faixas etárias, como realça a nomenclatura; eles regulam a participação social sancionada na pederastia, no recorte aristocrático das comunidades. Esta concerne sobretudo à *paideía*, formação dos jovens, conduzida pelos homens adultos que recebem, em retribuição, o prazer erótico. Em tal formação está a compreensão de valores ético-morais, como a noção de reciprocidade pressuposta na relação pederástica, que é basilar na sociedade tradicional.

Ora, se é parte da vida social, a pederastia decerto é matéria da poesia, em particular, na mélica (a lírica de fato) e na elegia simposiástica. Naquela, verifica-se a tradição do *paidikón*,² a canção do homem adulto – *erastés*, que é o conviva no simpósio – que elogia a beleza do efebo, a fim de seduzi-lo; daí que o *erómenos* ou *país kalós* (“belo menino”) não raro se projeta divinizado e é nos versos nomeado e imortalizado. A beleza da canção e a fama eterna são os presentes de sedução, aos quais o destinatário deverá retribuir. Que seja contexto e matéria das canções explica-se pelo elo bem atestado entre simpósio e pederastia.³ Os efebos dele tomavam parte, a enfeitar a festa com sua juventude e beleza atraentes, e a aprender, como espectadores, um papel de suas vidas adultas, o do homem aristocrata, e o valor da amizade que liga os convivas uns aos outros, além da importância das relações interpessoais.

A mélica arcaica do *paidikón* foi referencial para a poesia pederástica helenística, na tradição dos temas “da loucura ardente do desejo e em sua brincadeira; do fugaz esplendor do amado, à medida que a idade adulta se assenta, roubando os charmes de menino; dos meninos caprichosos ou que não retribuem a sedução” (Percy, 1996, p. 189). No que indicam os limitados *corpora* mélicos, a dimensão erótica da pederastia prevaleceu. Rara exceção seria uma canção de Alceu (Fr. 366 Voigt), entendida como *paidikón* pela quase formular expressão vocativa ao menino (*ὁ φίλε παῖ*):

⊗ Οἶνος, ὃ φίλε παῖ, καὶ ἀλάθεια

Vinho, ó caro menino, e verdade ...⁴

O que se destaca nesse parco verso é a dimensão paidêutica da pederastia, na forma de expressão proverbial à época do poeta ou assim recebida posteriormente. Se no *paidikón*

² Ver a discussão de testemunhos e poetas em Ragusa (2017, p. 185-210).

³ Ver Bremmer (1990, p. 138 e 142).

⁴ Tradução e comentário de Ragusa (2013, p. 93-4; 2017, p. 196-8).

o menino é reiteradamente nomeado, na elegia, é no mais das vezes evocado como *país*. E se a dimensão erótica é o que a mélica pederástica canta sobretudo, acentua-se na elegia a paidéutica, talvez pelo seu propósito parenético tão marcado em exortações ético-morais. Essa imagem depende da paucidade dos *corpora*, mas vale explorá-la, cômicos de que talvez decorra de distorção relativa à transmissão das obras. Vamos, então, a Sólon (séculos VII-VI a.C.) e Simônides (séculos VI-V a.C.), pois de outros elegíacos, exceção feita a Teógnis (fim do século VI a.C.) e seu volumoso *corpus*,⁵ temos não mais do que testemunho de que praticaram poesia pederástica.⁶

SÓLON

Começamos pelo Fr. 23,⁷ centrado na definição do *ólbios*, do homem próspero e feliz, um tema recorrente na poesia arcaica:

ὄλβιος, ὃι παῖδές τε φίλοι καὶ μώνυχες ἵπποι
καὶ κύνες ἀγρευταὶ καὶ ξένος ἀλλοδαπός.⁸

Feliz quem tem **meninos queridos** e cavalos unicascos
e cães caçadores e hóspede em terra alheia.⁹

Em nota à sua tradução, Douglas E. Gerber (1999, p. 145) observa que “é mais provável o sentido pederástico” da expressão do verso 1, *paides ... philoi*, do que o entendimento “filhos queridos”, dada a consolidada conjunção dos termos no vocativo *ô phile paí*, de caráter formular, vista no Fr. 366 de Alceu. Como afirmam Maria Noussia e Marco Fantuzzi, em *Solone* (2001, p. 298), é um procedimento estilístico comum da poesia grega arcaica e clássica a construção de um dístico que, no primeiro verso, enuncia em frase nominal as condicionantes

⁵ O poeta será por nós em breve contemplado numa segunda parte deste estudo sobre a pederastia na elegia grega arcaica.

⁶ Para testemunhos sobre o próprio Mimnermo, ver de Hermesíanax (séculos IV-III a.C.) o fragmento elegíaco Fr. 7. 35-40 (Powell), e de Alexandre da Etólia, mélico contemporâneo a Hermesíanax, o Fr. 5. 4-5 (Powell).

⁷ Preservado no *Lísiás* (212d-e), de Platão (séculos V-IV a.C.), que, como Gerber (1999, p. 145) aponta corretamente, “sofisticadamente deturpa Sólon”, tomando *philoi* “(com sentido ativo, ‘amando’)” como relativo aos demais substantivos do dístico, algo que Hudson-Williams (1926, p. 128) criticava como insustentável na construção dos versos, que em sequência emparelha os substantivos do elenco de coisas que fazem um homem *ólbios* aos respectivos adjetivos, na equilibrada proporção de um para um.

⁸ Foi seguida a edição de Gerber (1999, p. 144) aqui, pontualmente.

⁹ Tradução de Ragusa. Na *Teognídeia*, são refeitos como versos 1255-6 pela técnica lúdica-competitiva da *metapoíesis*, a “retomada de cantos poéticos notáveis e execução de novos versos que confirmavam, corrigiam ou [...] contradiziam versos enunciados precedentemente” (Gentili; Catenacci, 2007, p. 38). Os dizeres são deslocados para o contexto do simpósio: ὅστις μὴ παῖδάς τε φιλεῖ καὶ μώνυχας ἵππους / καὶ κύνας, οὐποτέ οἱ θυμὸς ἐν εὐφροσύνῃ. (“Quem não ama meninos e corcéis unicascos / e cães, jamais terá alegria no coração.” Tradução de Brunhara, 2017).

da felicidade e, no segundo verso, apõe uma oração relativa que desenvolve e especifica as razões desta. Nela, acha-se a síntese dos “ideais aristocráticos de vida”, anotam (id., p. 297): os meninos amados – o *érōs* pederástico sempre, “que na Grécia teve uma difusão excepcional e representou um dos mais marcantes traços da aristocracia”; os cavalos de cascos não-fendidos (*mónoukbes*),¹⁰ que pressupõem “um padrão alto de riqueza fundiária”; os cães que caçam; um amigo em terra estrangeira – o *xénos* com quem se firmou, no âmbito da tradicional hospitalidade (*xenia*), uma relação de amizade imersa no ideal aristocrático da reciprocidade, enlace permanente entre famílias.¹¹ Bruno Gentili e Carmine Catenacci, em *Polinnia* (2007, p. 37), leem na definição do *ólbios* do Fr. 23 de Sólon o indivíduo “que sabe gozar os prazeres naturais da vida”, em perspectiva centrada na aristocracia, tanto pela enunciação da pederastia – “ponto sólido da ideologia da vida aristocrática” (Noussia; Fantuzzi, 2001, p. 297) –, como pelas demais atividades e relação de amizade. Essa perspectiva teria uma consequência política na atuação de Sólon como arconte em Atenas (594/3 a.C.), se William A. Percy III, em *Pederasty and pedagogy in archaic Greece* (1996, p. 178), acerta ao julgar que o legislador “pode ter fundado os primeiros ginásios atenienses para manter os hoplitas [soldados em armas] em forma, e para treinar seus *eromenoi*” – os meninos ou efebos amados – “a serem bons cidadãos e guerreiros”; e suas leis teriam regulado práticas pederásticas (id., p. 177).¹²

Considerando o Fr. 23, Gentili e Catenacci (2007, p. 37), tal qual Gerber (1999, p. 145) e outros,¹³ entendem, portanto, o adjetivo *phíloi* como qualificativo de *paídes*, que não se estende aos demais substantivos do dístico, e tomam *paídes ... phíloi* como referência à pederastia.¹⁴ Francesco De Martino e Onofrio Vox, em *Lírica grega II* (1996, p. 753), adotando a mesma leitura, percebem no fragmento o poeta “representante dos ideais aristocráticos” e voz de “insuspeitável hedonismo”: “[...] de um lado, efebos, cavalos e cães, isto é, os prazeres (e o prestígio) do amor homossexual, da hípica e da caça [...]; de outro, um ‘hóspede estrangeiro’, signo de relações econômicas-sociais também externas à comunidade cidadã”, e não somente a elas interna.

A síntese não poderia ser mais precisa. O Fr. 23 estabelece a pederastia entre as “amíúde louvadas atividades da elite grega masculina”, diz Noussia-Fantuzzi, em *Solon the Athenian, the poetic fragments* (2010, p. 343), e decerto se destina à *performance* no simpósio, a mais comum para a elegia arcaica. Recorda ainda a estudiosa que a pederastia, junto à caça, “são também temas dominantes da iconografia simpótica”.

¹⁰ Noussia e Fantuzzi (2001, p. 299), Degani e Burzacchini (2005, p. 113), Noussia-Fantuzzi (2010, p. 345) frisam que o epíteto é frequentemente atribuído a esses animais na poesia grega.

¹¹ Noussia e Fantuzzi (2001, p. 299) e Noussia-Fantuzzi (2010, p. 343) encarecem esse ponto.

¹² Ver ainda Calame (1999, p. 102-3), Noussia e Fantuzzi (2001, p. 339). De tais leis falam Ésquines (século IV a.C., *Contra Timarco* 10-2) e Plutarco (séculos I-II d.C., *Diálogo sobre o amor*, 751b), por exemplo.

¹³ Hudson-Williams (1926, p. 128), Buffière (1980, p. 242), Noussia e Fantuzzi (2001, p. 298), Degani e Burzacchini (2005, p. 113), Noussia-Fantuzzi (2010, p. 345).

¹⁴ Contrapõem-se, assim, a estudiosos que viam a expressão *paídes phíloi* no sentido em que aparece em Homero (*Od.* 19, 455), conforme lembram Noussia e Fantuzzi (2001, p. 298), Noussia-Fantuzzi (2010, p. 345). Entre os que seguiram tal leitura equívoca, Linforth (1919, p. 176-7), e Bowra (1938, p. 74).

No Fr. 23, o *erastés* não dialoga com o *erómenos* para seduzi-lo ou ensinar-lhe algo, mas enuncia elementos cruciais da ideologia aristocrática, a serem inculcados nos meninos e efebos do simpósio, que tinha marcado “aspecto educacional” (Bremmer, 1990, p. 137), testemunhado em evidências de variada natureza. Similar é o caso do Fr. 24 de Sólon:

ἴσόν τοι πλουτέουσιν, ὅτῳ πολὺς ἄργυρός ἐστι
καὶ χρυσὸς καὶ γῆς πυροφόρου πεδία
ἵπποι θ' ἡμίονοί τε, καὶ ὧν μόνα ταῦτα πάρεστι,
γαστρί τε καὶ πλευραῖς καὶ ποσὶν ἄβρὰ παθεῖν,
παιδός τ' ἠδὲ γυναικός, ἐπὶν καὶ ταῦτ' ἀφίκηται, 5
ὥρη, σὺν δ' ἤβη γίνεται ἄρμοδιη.
ταῦτ' ἄφενος θνητοῖσι· τὰ γὰρ περιώσια πάντα
χρήματ' ἔχων οὐδεὶς ἔρχεται εἰς Αἴδεω,
οὐδ' ἂν ἄποινα διδοὺς θάνατον φύγοι, οὐδὲ βαρείας
νούσους, οὐδὲ κακὸν γῆρας ἐπερχόμενον. 10

Igualmente rico quem muita prata tem,
e ouro e campos de terra fértil em trigo
e cavalos e mulas, e quem só isto tem:
ao estômago, às costelas e aos pés, prazeres provar,
e quando quer que isto lhe sobrevenha, **de menino** ou de mulher 5
a estação, com juventude que seja conforme.
Isso é opulência aos mortais, pois tendo imensas e muitas
posses ninguém vai ao Hades,
nem pagando ricamente fugiria à morte, nem às graves
doenças, nem à vil chegada da velhice.¹⁵ 10

No Fr. 23, o poeta tratou da felicidade; no Fr. 24, da riqueza, dizendo quem são os ricos (*ploutéousin*, 1). E indica na juventude a vivência erótica em chave dupla, pederástica e heteroerótica (*paidós te edè gynaiikós .../ hóre*, 5-6) – como vimos no Fr. 1 (9) – como riqueza imaterial equivalente aos bens (1-3)¹⁶ que, em excesso, têm sua importância relativizada (7-10), pois não evitam o perecer de tudo.

A perspectiva, então, é a da condição humana (7-10). Parece dizer o Fr. 24 que o apego e o acúmulo, incapazes de alterar a fragilidade e a mortalidade próprias à natureza humana, valem menos do que o saber viver (4-6), que inclui o saber gozar no tempo justo – a juventude – o desejo de meninos e de mulheres. Nesse sentido, o poeta se insere em bem atestada tradição elegíaca, frisa Noussia-Fantuzzi (2010, p. 347), a qual legou não poucos exemplares de aconselhamento sobre o modo de viver. Ademais, anota a helenista

¹⁵ Tradução de Ragusa. No verso 4, foi seguida a sugestão de Noussia e Fantuzzi (2001, p. 141) para *habrà patheín*, literalmente, “coisas delicadas, luxuosas, sofrer”.

¹⁶ Noussia e Fantuzzi (2001, p. 305) e Noussia-Fantuzzi (2010, p. 353-4) recordam como o tema da estação (*hóra*) certa da atuação erótica, que não pode ser perdida – a juventude –, é reiterado na poesia grega antiga.

(id., ibid.), no início, o prazer físico é dado como equivalente aos bens materiais em termos de “potencial de felicidade”, mas destes se ocupam mais brevemente os versos do que daquele, sendo realçada ao final a “futilidade de excessiva riqueza material” (p. 348):

O ponto mais claro de Sólon é formulado seguramente em termos negativos: a riqueza acumulada, para além do que é necessário à satisfação dos prazeres, necessidades e desejos, nada acresce à vida, porque não confere nenhum benefício à velhice, doença ou morte.

Sugerido está no Fr. 24 que a dedicação ao acúmulo faz perder de vista os prazeres, e que estes não podem ser amealhados, apenas “desfrutados instantaneamente” (Noussia-Fantuzzi, id., ibid.) na juventude. Sustenta-se o contraste entre o excesso de bens e o essencial dos prazeres, e alguma superioridade recai sobre o segundo eixo, por permitir apreciar a vida, ao contrário do primeiro, que implica labutas e preocupações.¹⁷ A afirmação do eixo dos prazeres – que envolve a companhia de meninos e mulheres – pode mesmo ser identificada à *persona* política apresentada por Sólon na maioria de suas elegias, de cunho político, como demonstra Assunção (2005, p.12), que observa que os bens exaltados por Sólon, adquiridos na justa medida do gozo dos prazeres, constituem “experiências gratificantes e intensas que formam uma história de vida inalienável” e opor-se-iam, assim, ao acúmulo desenfreado de bens e à ganância que formam o cerne da crítica de Sólon aos aristocratas atenienses e leva, em última instância, à ruína da cidade, como ele diz no Fr. 4 (5-16), sobretudo.

Por fim, o Fr. 25 de Sólon, que recorda canções de Anacreonte a meninos amados:

ἔσθ' ἤβης ἐρατοῖσιν ἐπ' ἄνθεσι **παιδοφιλήσημι**,
μηρῶν ἰμείρων καὶ γλυκεροῦ στόματος.

... até que nas amáveis flores da juventude **ame um menino**,
suas coxas desejando e a doce boca.¹⁸

Salta aos olhos de pronto o *erastés* engajado em *paidophilein*,¹⁹ verbo-amálgama para o *éros* pederástico em primeira ocorrência no Fr. 25 (*paidophilésēi*, 1), sublinha Noussia-Fantuzzi (2010, p. 341), para quem seria mesmo “um tecnicismo da linguagem erótica, e como tal, pode refletir a atenção cultural-intelectual que Sólon devotou ao fenômeno da pederastia” (p. 339). “Meninos desejar”, diz literalmente tal verbo – meninos em pleno florescer da idade adulta e “culminação da força física e marcial” (Noussia-Fantuzzi, id., ibid.),²⁰ que move *éros*, enfatiza a recorrente expressão “flores da juventude” (*hébēs ánthesi*), vista no Fr. 1 (4) de Mimnermo, e associada por Sólon ao adjetivo *eratoísin* que adensa seu erotismo. A alta voltagem erótica é patente, inclusive pela combinação no verso 2 do verbo *himeírein*²¹ – para

¹⁷ Notam Noussia e Fantuzzi (2001, p. 306) e Noussia-Fantuzzi (2010, p. 350) a recorrência da crítica à riqueza excessiva em Sólon – mas não da riqueza per se.

¹⁸ Tradução e comentário de Ragusa (Ragusa; Brunhara, 2021, no prelo), aqui aproveitados.

¹⁹ Ver Calame (1999, p. 28).

²⁰ Ver ainda Noussia e Fantuzzi (2001, p. 295).

²¹ Ver Noussia-Fantuzzi (2010, p. 341).

o desejar suscitado pela atratividade do objeto que os olhos apreendem – ao plural de *mērós* (“coxa”), recordando o mélico Fr. 407 (Page) de Anacreonte, em que o *erastés* dirige-se ao menino, pedindo-lhe suas “esguias coxas” (*rhadinoús ... mēroús*, 2) por meio de forma verbal (*própine*, 1) tipicamente simposiástica, e do usual vocativo *ôphíle* (2).²² A sensualidade dessa dicção ecoa forte, como no Fr. 25 de Sólon, decerto pela evocação gráfica do que nas cenas dos vasos Dover (1989, p. 98) assim descreve:

Quando a corte foi bem-sucedida, o *erastés* e o *erómenos* ficam face a face; o *erastés* agarra o *erómenos* pelo torso, abaixa a cabeça na direção do ombro do *erómenos* ou até abaixo dele, dobra os joelhos e pressiona seu pênis entre as coxas do *erómenos*, logo abaixo do escroto. [...] A palavra original e específica para esse tipo de copulação era quase seguramente *diamerizēin*, isto é, ‘fazer ... entre as coxas’ (*mēroi*).²³

É ao que de mais perto chegamos, na poesia que idealizava o *érōs* pederástico, do ato sexual que era, sintetiza Dover, em “Classical Greek attitudes to sexual behaviour” (1973, p. 66-7),

‘o mais baixo’ ingrediente numa rica e complexa relação que abarca devoção mútua, sacrifício recíproco, e o despertar da sensibilidade, da imaginação e do intelecto, não para o que a maioria de nós entende como amor sexual, mas para o desejo de um mais velho por um mais jovem sujeito masculino, e para a admiração do mais novo pelo mais velho.

No Fr. 25 de Sólon, a sensualidade é, por fim, intensificada pela referência à boca (*stómatos*, 2) que mais desejável se faz pelo adjetivo *glykeróitē*; lembremos que *glykys* é recorrente, na linguagem erótica tradicional, para o paladar do prazer sexual. Sua variante, *glykerós*, se atesta primeiro nessa elegia, para “a boca do menino [que] dá prazer ao amador” (Noussia-Fantuzzi, 2010, p. 342).²⁴

Somados esses elementos, a helenista (id., p. 339) argumenta que o Fr. 25 é um *paidikón*, algo que parece inexato, uma vez que o termo tende a ser usado pelos antigos para a mélica.²⁵ Ademais, não sabemos a quem se dirige a *persona*, embora a lógica leve a crer que se trata do conviva no simpósio, falando a outros convivas, na presença – que contempla e deseja? – dos jovens que não só observam o simpósio em que aprendem a ser adultos, mas adornam o evento com sua jovem beleza realçada pelo rito do coroar-se com guirlandas, aspergir perfumes e ungir com óleos olorosos.²⁶

²² Ver tradução e comentário da canção em Ragusa (2017, p. 202-3).

²³ Acrescenta o estudioso ocorrências do verbo na comédia de Aristófanes (século V a.C.), *Aves* (669, 706, 1254), para ambas as relações sexuais em ambos os registros hetero e homo. Ver Calame (1999, p. 53). A transliteração do grego utilizada pelo autor é mantida, aqui e em qualquer outra citação direta.

²⁴ Ver ainda Noussia e Fantuzzi (2001, p. 296).

²⁵ Ver em Ragusa (2017, p. 185-95) a discussão do termo e do uso entre os antigos.

²⁶ Ver o Fr. 362 (Voigt) de Alceu, brevemente comentado e traduzido em Ragusa (2017, p. 199).

Mostra o Fr. 25 que a experiência sexual “não era menos integrada à relação pederástica do que sua função pedagógica na Grécia arcaica” (Noussia-Fantuzzi, 2010, p. 341). Isso ao menos da época de Sólon em diante.²⁷

SIMÓNIDES

Entendemos os Frs. 21 e 22 desse poeta da mélica e da elegia tardo-arcaicas como exemplares de poesia pederástica para o simpósio – “uma linha exegética [...] muito mais convincente” (Fuentes, 2002, p. 20)²⁸ do que outras sugeridas.²⁹ Isso devido à linguagem e à tradição com a qual dialogam de modo que nos parece suficientemente consistente.

Citamos o Fr. 21, os seus versos mais legíveis:

οἴο δύναιμαι, ψυχ[ή,] πεφυλαγμένος εἶ[ν]αι ὀπιθός·
 χρυσῶπιν δὲ Δί[κην ἄζ]ομαι ἀχνύμενος,
 ἐ]ξ οὗ τὰ πρῶτιστα νεο[τρεφέ]ων ἀπὸ μηρῶ[ν] 5
 ἦ]μετέρης εἶδον τέρματα πα[ιδεΐ]ης,
 κ]υά[ν]ιον δ' ἔλεφαντίνεον [τ' ἀνεμί]σγέτο φέ[γγος],
] δ' ἐκ νιφάδων [..... ..(.)] ἰ]δεῖν.
 ἀλλ' αἰδ' ἴ]ος ἦρυκε, νεοῦ δ[...].ι[] ὕβριν

Não sou capaz, ó ânimo meu, de ser teu servo zeloso;
 mas, afligindo-me, temo, vexado, Justiça de áurea face,
 desde que primeiro ... das **coxas recém**-nutridas 5
 vi o fim de nossa **meninice**,
 e mesclou-se escuro à ebúrnea luz,
 das neves ... ver.
 Mas o pudor me conteve, do **novo** ... desmedida ...³⁰

O Fr. 21, para o qual a elegia pederástica soloniana “é o antecedente mais direto” (Fuentes, 2002, p. 23), tem como destaques: *mērō[n]* (5), referindo as “coxas”; e a ideia do que é jovem, novo, em *neo[trephé]ōn* (5), composto reconstruído pela soma de *néos* a termo ligado a *tréphēin* (“nutrir, fazer crescer”), e cuja declinação o articula a *mērō[n]*. Note-se que *néos* volta no verso 9 (*néon*). Destacado é também [*pa*]ιδεῖς (6), pois, nomeando a “meninice”, combina-se bem à linguagem dos versos, e à imagem (7) da mescla do “escuro” ([*κ*]υά[*n*]εον) à “ebúrnea luz” (*elephantíneon* ... *phē[ngos]*), e das “nuvens” (*niphádōn*, 8), das quais algo se

²⁷ Ver Dover (1989, p. 94, 195), Noussia-Fantuzzi (2010, p. 339).

²⁸ Fuentes segue West (1993, p. 11-2; ver 1974, p. 167, quando o Fr. 21 figurava entre os *adespota*, como Fr. 28) e os que sucessivamente apoiaram sua compreensão, adiante referidos.

²⁹ Sobretudo no caso do Fr. 22 há outras leituras. Yatromanolakis (2001, p. 208-25) lê-o como elegia trenódica – uma opinião “isolada” (Aloni; Iannucci, 2007, p. 83), problematizada por Fuentes (2002, p. 30), Mace (2001, p. 203-7), Romero (2004, p. 31-2, 36-7). Já Barigazzi (1963, p. 65) lê-o como relativo a uma batalha – a de Salamina –, tema de outras elegias do poeta.

³⁰ Tradução de Ragusa em Ragusa e Brunhara (2021, no prelo).

origina (*eké*, 8) e se faz objeto de “ver” (*[i]deîn*, 8). Tal mescla se expressa em forma verbal (*[anemí]sgeto*, 7) de *meígnymi*, tradicional para o fundir de água e vinho no vaso que prepara o beber de convivas do simpósio, como de corpos no leito em que se unem amantes; e fala possivelmente, no Fr. 21, do “despertar sexual” a partir de conhecido motivo poético do escurecer do rosto, usado para a idade adulta,³¹ argumenta Ian Rutherford, em “The new Simonides” (2001, p. 51). Marcada estaria no fragmento uma temporalidade, como dá a entender a menção de neves trazendo o inverno, pensa Carmine Catenacci, em “Simonide, fr. eleg. 22 West” (2000, p. 63).

Cientes do estado do Fr. 21 e de seus limites, cremos poder afirmar que a tradição poética pederástica depreende-se da “linguagem e das vívidas imagens” (Catenacci, id., p. 65) que projetam o amadurecimento do corpo do efebo. Como sublinhava Martin L. West, em “Simonides *redivivus*” (1993, p. 11), o Fr. 21 é “evidentemente um poema de amor”, que revela, no diálogo da *persona* com sua *psykh[ê]* (“sopro vital, ânimo”, 3), “apreensão com a dor e o estresse amoroso” (p. 12), no anúncio de sua incapacidade (*[o]u dýnamai*, 3) de “manter a circunspeção” (p. 11) no manejo de si, no “desfrutar das boas coisas da vida” (p. 12).³² Na mesma linha seguiram outros,³³ como Catenacci (id., p. 58-9), que trabalha o Fr. 21 olhando para a tradição da mélica do *paidikón*, e Rutherford (2001, p. 51). O Fr. 21 é, para Carmen B. Fuentes, em “La expresión del sentimiento amoroso em Simónides” (2002, p. 18), uma das duas – a outra é o Fr. 22 – “surpreendentes elegias eróticas” reveladas no papiro de Simónides.

A noção do tempo adequado (*katà kairón*) à vivência amorosa e aos papéis eróticos (*erastés* e *erómenos*) é, como temos frisado, tema da poesia pederástica. E nela ouvimos o mesmo tipo de diálogo do Fr. 21: “A invocação do órgão das emoções, no contexto de um amor impossível ou atormentado, irá constituir um *tópos* no epigrama erótico, que amiúde abre a composição e sinaliza a abdicação das emoções” (Catenacci, 2000, p. 60).³⁴ Mas quem nela fala, no “diálogo aparente” (Fuentes, 2002, p. 21)? Para Krystina Bartol, em “Between loyalty and treachery” (1999, p. 27), o *erómenos*; para Catenacci (2000, p. 59), o *erastés*. Como bem diz Fuentes (id., p. 20), a opção de Bartol entra na contramão de toda a tradição de poesia pederástica.³⁵ Isso porque nela, salienta Catenacci (id., p. 58), “o *eromenos* é o destinatário

³¹ West (1974, p. 167) e Bartol (1999, p. 27) entendem como referência a pelos púbicos. Para a tradição, ver esses estudiosos e Catenacci (2000, p. 63), Fuentes (2002, p. 22).

³² Essa visão do helenista orienta os satisfatórios suplementos dos versos 5 e 6 em sua edição, que seguimos. E West (1974, p. 167, Fr. 28), mesmo antes de sua atribuição a Simónides: “Não pode haver dúvida quanto ao assunto [...]. O poeta confessa que suas inibições sexuais estão perdendo o próprio controle”.

³³ Ver Burzacchini (1995, p. 34-5).

³⁴ Fuentes (2002, p. 21): “A invocação do órgão das emoções é a forma mais antiga de monólogo que já encontramos atestada na *Odisséia*, na boca de Ulisses [20, 18], e dela se vão servir distintos poetas líricos e trágicos, até o ponto de converter-se em *tópos* literário no epigrama erótico, no contexto do amor atormentado ou impossível”. Ver ainda Catenacci (2000, p. 59-61).

³⁵ Bartol (id., p. 28) reconhece como não convencional sua sugestão; insólita é, para Fuentes (id., ibid.); “inusitada”, para Catenacci (id., ibid.).

silencioso do desejo e da *paideia* do *erastes*?. E aduz Fuentes (id., *ibid.*), seguindo o helenista italiano: ao *erastés* “pertence a palavra poética, ainda que seja o *erómenos*, com a beleza de seu corpo e seu comportamento, a fonte de sua inspiração”.

Quanto à opção de Catenacci, ela não só atenta à referida tradição, como adensa os argumentos por observar o Fr. 21 no bojo do *corpus* de *paidikéa*, com a ressalva de que, enquanto em tal conjunto o elogio da beleza efébrica canta-a enquanto ali está, na elegia de Simônides, espécie de “*paidikéon* impuro”, diz ele, “o elogio da beleza mescla-se à constatação de seu fim” (id., p. 65). Para Catenacci (id., p. 59), constata-o o *erastés* que “parece declarar, com valor de renúncia, não poder ser um companheiro circunspecto, e que, entristecido, respeita a *Dikē* [Justiça] desde quando a plena maturidade física se revelou no corpo do *erómenos*, por meio dos pelos crescendo-lhe nas coxas” – fenômeno natural que Simônides projeta “em imagens cromáticas que simbolizam esta sexualidade nascente” (Fuentes, 2002, p. 24).³⁶ Similarmente, o poeta encarece o valor de *Dikē*, a Justiça, pelo cromatismo, ao atribuir-lhe o epíteto composto *kbrysópin* (4), pelo qual traz o ouro, metal mais valioso, com sua cor e seu brilho intensos, à personificação que desse modo ganha grande destaque pelo “valor supremo”, diz Fuentes (id., *ibid.*), e pela “pureza que imprime[-lhe] esse nobre metal” incorruptível.

Afina-se, portanto, a natureza do epíteto da Justiça à fala do *erastés* a seu “ânimo” (3), na qual afirma seu respeito para com ela, ainda que lhe traga sofrimento (3-4). De que respeito se trata? Pelos versos sucessivos e o termo final *hybris* (9), das normas que pautam a pederastia, cujo desvio, desrespeito, numa “cultura da vergonha”, acarretará a exposição pública, algo de que tem clareza o *erastés*, que no verso 9 diz ainda se conter (*éryke*) por [*aid*]ôs (“vergonha, pudor”), evitando incorrer em *hybris* – o extrapolar de limites ditados pela normatização e organização do cosmo e da vida humana.

No contexto erótico, circula essa relevante noção³⁷ que, na pederastia, seria “a violação da idade justa e dos consequentes papéis nos relacionamentos homoeróticos”, conclui Catenacci (2000, p. 59).³⁸ para os quais o “código estabelece que a condição de *eromenos* se conclua com a chegada da maturidade física, e com o ingresso na comunidade dos homens adultos e ativos sexualmente, em termos políticos e paidêuticos” (id., p. 64). No Fr. 21, o *erastés* amadureceu e não é mais o efebo (v. 5-6, 7).

Firma-se o nexos entre *Dikē* e *hybris*, e fazem-se coerentes linguagem e imagens na construção observada em diálogo com a tradição da poesia pederástica para o simpósio, no qual é certamente adequado o diálogo entre o homem que se percebe adulto, maduro, e agora destinado ao papel de *erastés*, e sua *psykh[ē]* (3), a qual interpela como “ao próprio eu emocional ante a uma situação dolorosa e lacerante: um ato linguístico que marca em geral um controle, ora contrastado, ora resignado, sobre pulsões instintivas e socialmente inconvenientes” (Catenacci, id., p. 60).

³⁶ Ver Ferreira (2007, p. 38).

³⁷ Ver Dover (1989, p. 34-9), Catenacci (2000, p. 64-5).

³⁸ Fuentes (2002, p. 25) encarece o mesmo ponto.

Uma última observação. No verso 6, a palavra inicial é o pronome [*hē*]*metérēs*; o sentido é de “nossa”, mas pode equivaler a “minha” – esta, a opção mais seguida.³⁹ Alinhamo-nos, porém, a Catenacci (id., p. 62), que, pensando aquele sentido, indaga: “Mas por que não o remeter [o pronome] à voz falante e a uma outra pessoa, a uma mesma experiência comum agora concluída? Uma pessoa talvez presente à ocasião do canto e, contudo, notável no público simposial”. A resposta: não há razão para não o fazer. A pederastia, sabemos bem, é valor e prática compartilhados pelos convivas no simpósio e em seu ideário; e a abertura a um “nós” daria à elegia um alcance mais amplo em termos de seu público, em movimento bastante comum nas composições dos poetas arcaicos.

Passemos, agora, aos versos mais legíveis do Fr. 22, o último de que falaremos:

[ν] κόσμ[ο]ν ἰοσ[τ]εφάνων
 ἔδος πολύδενδρον ἰκο[ίμην
 εσ[....] εὐαέα νῆσον, ἄγαλμα β[ίου·
 κα[ί] κεν Ἐχεκ[ρατί]δην **ξανθότριχα**
ὄφ[θαλμοῖσιν] ἰδ[ὼν] **χεῖρα λάβοιμ[** 10
ὄφρα **γέφ[ν]** **χαρίε[ντος]** ἀπὸ **χροῶς ἀν[θος]**
λείβοι δ’ ἐκ **βλ[εφάρ]ων ἡμερόεντα** [**πόθον**.
 καί κεν ἐγ[ὼ] μετὰ **πα[ιδὸς]** ἐν **ἀνθε[ῖσιν]** ἀβρὰ πάθοιμι
κεκλιμένος, λευκὰς φαρκίδας ἐκτ[ὸς] ἐλῶν,
χαίτη[ῖσιν] **χαρίε[ντα]** νεοβλάστ[15
 .[] **εὐανθέα** **πλε[ξάμενος** **στέφανον**·
 μο[.....] δ’ **ἡμερόεντα** λιγὺν .[
 ἀρτι[επέα] νωμῶν γλῶσσαν ἀ[πὸ] στόματος

... adorno das de violáceas guirlandas
 ... a assento multiarbóreo (eu) chegada ...
 ... ilha de amenas brisas, adorno da vida ...
 E Equecrátides **auricomado** ...
 após vê-lo com **olhos**, **tomaria sua mão** ... 10
 para que a **flor jovem** por **pele deleitável** ...
 e **verteria** das **pálpebras atraente desejo**
 e eu por um **menino** entre **flores** delicadamente sofreria,
reclinado, o exterior arrebatado por alvas rugas,
 para as **melenas graciosa** fresca(?) ... 15
 ... **bem florida** tendo tecido uma guirlanda;
 e ... **desejável** clara (canção?) ...
 hábil língua manejando ... da boca ...⁴⁰

Antonio Aloni e Alessandro Iannucci, em *L’elegia greca e l’epigramma dalle origine al V secolo* (2007, p. 83), reconhecem na “chave erótica” a palavra que abre os versos, mas

³⁹ West (1993, p. 11), Fuentes (2002, p. 19), Sider (2001, p. 26), Ferreira (2007, p. 37).

⁴⁰ Tradução de Ragusa em Ragusa e Brunhara (2021, no prelo).

igualmente que “os traços decisivamente eróticos (ou homoeróticos) são o resultado de geniais conjecturas”, a saber: [póthos] (12), um dos termos que nomeia o desejo sexual e que praticamente equivale a *éros*; [habrà páthoimi] (“delicadamente sofreria”, 13). Acrescentamos a estes outros, próprios da dicção erótica: o ver com olhos (*oph[thalmoísin id]ón*, 10) – crucial, porque *éros* é desejo sexual – e o pegar a mão (*kebeíra láboim*[, 10), gesto de intimidade sexual,⁴¹ no verso 11, a construção *ñeō[n] keb[aríe]ntos*, para o jovem e o aprazível, seguida da menção à pele (*kebroús*) talvez combinada a *án[thos]*, somando prazer sensorial e juventude.

Mais forte ainda ecoa a tradição da linguagem erótica na elaboração do verso 12: o verter (*leíboi*) de [póthos] “das pálpebras” (*ek bl[ephár]ón*) – do desejo que atrai irresistivelmente (*bimeróenta*) –, reconstrução apoiada na semelhança notável com a *Teogonia*, de Hesíodo (fim do século VII a.C.), no verso sobre os olhos das Cárites (910):

τῶν καὶ ἀπὸ βλεφάρων ἔρος εἴβeto δερκομενάων

e das **pálpebras** que fitam **desejo é vertido**

O termo *blephárōn* – intensificado em *derkōmenáōn* (“que fitam”) – leva à emenda do Fr. 22 (*bl[ephár]ón*, 12), que retoma a referência aos olhos que olham (10), sede do desejo e sua porta de entrada, porque move-o a beleza física do corpo, apreendida pelo olhar. E a forma verbal *eíbeto* é variante de *leíboi* (12), perfeitamente legível no Fr. 22. Ademais, *éros* é, no verso hesiódico, o objeto do verbo, e o suplemento [póthos], no de Simônides, sinônimo metricamente adequado.

No verso 13, são possíveis [pa]idōs, dada a menção à juventude e às flores no verso 11, e *ántbe[sin]*, que traz ao fragmento de novo “flores”, com provável sentido locativo (*en*); logo, “menino” e “entre flores” seriam lidos em consonância com o cenário plausível ora desenhado. Esses termos se colocam em relação ao “eu” (*eg[ō]*, 13; *kekliménos*, 14), cujo reclinar reflete a postura tradicional do simpósio; talvez este se confunda, em dimensão metafórica, a um prado florido (13) em que reclinam *erastés* e *erómenos*, na fantasiosa ilha, no fantasioso encontro.⁴² Como frisa Carlo Brillante, em “Simonide, fr. eleg. 22 West²⁰” (2000, p. 36), indicando ocorrências que remontam à sedução de Zeus por Hera na *Iliada* (XIV, 347-9), “os prados floridos recorrem regularmente nas narrativas de enredos de amor, sejam estes reais ou fantásticos”.⁴³

Clara o bastante é a sequência no verso 14, após a pausa: *leukàs pharkídas*⁴⁴ (“alvas rugas”) nomeia sinais tradicionais para a chegada da velhice,⁴⁵ obstáculo ao erotismo. A perda da imagem atraente do corpo é realçada em *ekt[ōs]* (“exterior”), emenda que faz sentido

⁴¹ Ver Clark (2003, p. 130-1 e 132-7), em detalhado estudo sobre o toque na poesia grega e códigos não-verbais de comunicação, com levantamento de ocorrências.

⁴² Brillante (2000, p. 36), Fuentes (2002, p. 26).

⁴³ Ver D’Alfonso (2003, p. 9).

⁴⁴ D’Alfonso (*id.*, p. 10-9) estuda detalhadamente o termo raro *pharkís* (“ruga”) e a expressão.

⁴⁵ Ver Brillante (2000, p. 32).

em vista da referência à pele – associada à juventude – no verso 11, como faz sentido o suplemento [*belôn*], dada a usual violência da chegada da velhice.

Por sua vez, o verso 15 fala em “melenas” (*khaitē[isi]n*) – ambos os termos original e traduzido para animais e seres humanos, com sentido de pelo sedoso, solto. O cabelo, diga-se, é elemento dos mais frequentes como gatilho erótico apreendido pelo olhar do amador, e já usado para o elogio da personagem (*E.khekē[ratí]dēn*) do verso 9, pelo epíteto *xanthótr[ikha]* (“auricomado”). Repare-se que esse epíteto recorre em Homero para heróis e cavalos. E que, tal qual se dá com *khaitē* e com *xanthós*, o termo *triks* também vale para animais ou homens.

Desse modo, ficam sugeridas as ligações entre o “bem-comado” (9) Equecrátides e os cabelos do verso 15, e entre a linguagem erótica que sublinha prazer, florescer e juventude, o elemento do simpósio (14), e o jovem animal – o potro – em que o belo e desejável efebo, Equecrátides, pode estar espelhado metaforicamente. Sabemos quão constante é o elogio da beleza de moças por imagens de cavalos – e o Fr. 1 de Álcman (fim do século VII a.C.) é das mais eloquentes evidências disso,⁴⁶ mas também corcéis e potros são imagens da beleza do homem adulto – como Páris (*Iliada* VI, 503-14) – e do efebo (Anacreonte, Fr. 456 Page). Repete-se ainda no verso 15 o uso de adjetivo para o aprazível (*khariē[nt]a*), visto no 10 (*kh[ariē]ntos*), derivado da noção de *kháris*, o charme, a reciprocidade, o regozijo tão importantes na esfera erótica. Na ocorrência do verso 10, qualifica outro gatilho, a pele; agora, no 15, algo jovem (*neoblást[]*).

Também o verso 16 retoma elementos: flores (*euantbéa*) de guirlanda talvez pela *persona* trançada (*ple[xámenos stéphanon]*), elemento que, na prática ritualística do simpósio, contribui “para criar a atmosfera festiva adequada à ocasião” (Brillante, 2000, p. 36). Essa guirlanda faz lembrar o epíteto *io[st]ephánōn* (“de violáceas guirlandas”, 6), em geral atribuído a divindades, como as Musas que se coadunam com o contexto simposiástico.⁴⁷

Em ambos legível, no verso 17 repete-se o adjetivo erótico do 12, *himeróenta* (“atraente, desejável”),⁴⁸ indicando, como outros apontados, que a retomada de termos é recurso da composição do Fr. 22. Desta vez, é sucedido pelo nítido adjetivo *līgyn*, regularmente associado à voz e ao canto, a projetar o elemento erótico-sensorial inerente à sua natureza e plasmado na imagem física das Musas, as belas e jovens deusas hineadas no proêmio (1-115) da *Teogonia* de Hesíodo, que encarece sua sensualidade com adjetivos tradicionais da linguagem erótica: *hapaloísin* (2), aos pés “macios”; *térena* (5), à pele “tenra”; *kaloús* e *himeróentas* (8), aos “belos e desejáveis” coros, ao dançar e cantar delas.

O mundo da poesia entraria na cena simposiástica em chave metapoética nos versos 17-8; no 18, o último legível, a falar de *artí[péa] ... glóssan* (“hábil língua”) manejada (*nómōn*) pela *persona* e de algo relativo à boca (*a[p]hò stómato[s]*). Vale a apreciação de Fuentes (2002,

⁴⁶ Ver Ragusa (2013, p. 40-50).

⁴⁷ Teógnis por ele qualifica as deusas em elegia pederástica (250); igualmente o médico Baquilides (séculos VI-V a.C.), no *Epínicio* 5 (3-4), canção de celebração à vitória atlética. Ver Brunhara (2017, p. 154-5).

⁴⁸ *Hímeros* é termo que designa a atração, e o adjetivo qualifica a desejabilidade. Ver Weiss (1998, p. 50-6) e Caciagli (2017, p. 3) para o substantivo e derivados.

p. 27), atenta aos “motivos amorosos” e aos “clássicos traços” do *país kalós* na figura de Equecrátides: “À clara manifestação da paixão se acompanha o papel da poesia, e entende-se uma poesia inspirada nos temas de amor, que o poeta imagina recitar no simpósio, depois de ter cingido a guirlanda”.

Pensemos o cenário completo. Brillante (2000, p. 29) argumenta que a descrição é “de uma viagem a ilha distante, onde a existência algo elísia se projeta agradável pela beleza e pelo clima (v. 7s.), e onde poderá gozar do amor de Equecrátides, um rapaz na flor da juventude (v. 11s.)”, muito possivelmente o *[pa]idôs* do verso 13. Lá, prossegue Brillante, “poderá realizar seus próprios desejos”, algo impossível no *hic et nunc* da *pólis*, já que a velhice chegou, impedindo sua atuação na pederastia elaborada em marcada chave erótica – no Fr. 21, erótica-paidêutica, pois que trata do problema da ordem, da organização e da observância dos papéis nas relações pederásticas. Se na ilha longínqua – utópica⁴⁹ – do Fr. 22, o *erastês* pode com Equecrátides⁵⁰ desfrutar do *érōs* pederástico, então é porque libertar-se-á “das rugas que lhe afligem o corpo (v. 14), e, cingido com a guirlanda entrelaçada com tenros ramos, seguir a própria inspiração poética (v. 15-19)”. Note-se a nomeação do efebo que, enfatiza Ewen Bowie, em “Symptotic praise” (2002, p. 189), é assim imortalizado, além de elogiado de modo oblíquo e metafórico na fantasia do *erastês* “velho e enrugado” (p. 190) a desejar o *país kalós* fora de seu alcance.⁵¹ Tanto pela enunciação do nome do efebo no verso, como pelo elogio e sua elaboração, o Fr. 22 revela-se afinado à tradição do *paidikón*.

Não entramos aqui na insolúvel disputa acerca da identidade do efebo.⁵² Cabe antes contemplá-lo e aos demais efebos da poesia pederástica no âmbito dessa tradição e da encomiástica em geral, frisa Brillante (2000, p. 34). E também não adentramos a discussão da natureza da viagem⁵³ à “ilha de amenas brisas” (*enaía nâson*, 8), de rica vegetação (*hédos polydendron*, 7), à qual chegaria (*hiko[imên]*, 7), se pudesse, o *erastês*. Se é uma “experiência real”, ou uma “viagem fantástica” – como parece mais provável, dada a ideia do rejuvenescimento que no mundo concreto é inviável⁵⁴ –, ou mesmo uma “viagem *post mortem*”,⁵⁵ resume Brillante (id., p. 29), isso não parece importar tanto quanto o fato de que a viagem, seja de que tipo for, reclama “a atmosfera particular do simpósio, onde os participantes possam exprimir mais livremente seus desejos” (p. 30). Nesse sentido, “viagem ‘de evasão’”, prossegue, a uma

⁴⁹ Ver estudo de Mace (2001, p. 185-207, publicado como artigo em 1996, ZPE 113), e seguindo-a, os de D’Alfonso (2003, p. 7-32), Romero (2004, p. 34-7).

⁵⁰ Ver a respeito: Brillante (2000, p. 31-5), Yatromanolakis (2001, p. 2017-8, 222-4), Romero (2004, p. 35-6), Aloni e Iannucci (2007, p. 83-5).

⁵¹ Ver exemplos em Bowie (2002, p. 189-90) e Ragusa (2017, p. 185-210).

⁵² Ver a respeito: Brillante (2000, p. 31-5), Yatromanolakis (2001, p. 2017-8, 222-4), Fuentes (2002, p. 29-30), Aloni e Iannucci (2007, p. 83-5).

⁵³ Uma síntese crítica das leituras pode ser vista em Fuentes (2002, p. 27-9) e Romero (2004, p. 31-3).

⁵⁴ Ver West (1993, p. 12-4), Burzacchini (1995, p. 35), Mace (2001, p. 200-1), Rutherford (2001, p. 52), Fuentes (2002, p. 28), D’Alfonso (2003, p. 8), Romero (2004, p. 30).

⁵⁵ Para esta, há mais condicionantes do que suportaria uma hipótese consistente, as quais Rutherford (id., *ibid.*) sintetiza.

ilha remota e suspensa da vida cotidiana, na qual “poderá tocar os prazeres do amor e da poesia: as duas experiências são aqui evocadas em um único contexto que as integra como naturais uma à outra (v. 13-16)”. Para Sarah Mace, em “Utopian and erotic fusion in a new elegy by Simonides” (2001, p. 203), Simônides assim sofisticadamente mescla e funde “os temas da fuga utópica e dos desafios do amador que envelhece”, valendo-se da “ideia do rejuvenescimento” que lhe permite voltar a participar da pederastia: sua “vontade de viajar a uma ilha idílica, a fim de livrar-se de sua velhice e unir-se ao desejável jovem Equecrátides é manifestamente a peça central da elegia” (p. 201). E é por meio de sua expressão, arremata Mace (p. 202), que “Simônides celebra a desejabilidade do jovem”.

Inegável é a qualidade onírico-escapista⁵⁶ da viagem e da atmosfera erótico-simpótica⁵⁷ do Fr. 22, elegia que espelha “o contexto da *performance*” (Rutherford, 2001, p. 52). Dessa forma, nela desponta, enlaçada ao do elogio erótico ao efebo, uma “imagem tradicional”, ressalta Brillante (2000, p. 37), a do “simposiasta qual navegante, do mar como vinho, da própria sala que hospeda os convivas qual nau de nautas”.⁵⁸ Navegante para o qual o “meio privilegiado para alcançar um lugar remoto, onde possa realizar os próprios desejos de amor”, é o marinho, indicado na viagem insular dos lacunares versos 1, em que só lemos *thalássēs* (“mar”, 1), *keleutho* [(“caminho”(?), 5), *nêson* (“ilha”, 8).

CONCLUSÕES

A análise de elegias pederásticas oferecida nestas linhas aponta para uma proximidade com a mélica pederástica arcaica, de modo a robustecer o olhar para a tradição poética do *érōs* pederástico, revelada em linguagem que celebra os aspectos físicos que realçam a juventude do efebo e o tornam desejável, bem como o situam no contexto da vida aristocrática nas *póleis* dos séculos VII a V a.C., na era arcaica. Nesse contexto, o simpósio emerge como cenário importante que, aliado ao tom de grande parte das elegias remanescentes, com discursos parenéticos, gnômicos e representativos de valores e aspectos que regem a vida nas *póleis*, parecem mostrar que, diferentemente da mélica do *paidikón*, que envolve o louvor mais direto do *país kalós* com o fito de seduzi-lo, a elegia insere a pederastia no âmbito cotidiano da existência aristocrática, e de um modo que se poderia dizer reflexivo ou mesmo paidêutico. Assim em Sólon: no Fr. 23, o desejo de um menino é um dentre outros elementos, como a riqueza fundiária e a relação de hospitalidade com habitantes de terras distantes, próprios ao homem *ólbios* (“próspero”; “feliz”); no 24, o homoerotismo pederástico é colocado no

⁵⁶ Rutherford (id., p. 53), Mace (2001, p. 198-9) e Brillante (2000, p. 35) recordam outros passos com essa qualidade ou mesmo com a da utopia em Eurípidés (século V a.C.), no *Hipólito* (732-51) e nas *Bacantes* (402-16). Poderíamos acrescentar, como exemplo de desejo de evasão do sofrimento da velhice, impeditivo à atividade coral do poeta, o canto de sua *persona* às moças de seu coro no Fr. 26 (Davies), de Álcman; assim o entendem alguns estudiosos – como Gentili e Catenacci (2007, p. 248). Ver Ragusa (2013, p. 57-8) e Mace (id., p. 187-8).

⁵⁷ Ver D’Alfonso (2003, p. 8).

⁵⁸ Sublinha esse motivo também Fuentes (2002, p. 28). Estudou-o Slater (1976, p. 161-70).

âmbito mais amplo da poética soloniana, contumaz em criticar, em tom admonitório, a futilidade do acúmulo de riquezas frente à precariedade da vida humana. A temática erótica e paidêutica parece, portanto, misturar-se mais naturalmente na elegia. Mas o Fr. 25 de Sólon mostra que a *paidéia* erótica subsiste.

Os Frs. 21 e 22 de Simônides revelam a forte associação da poesia pederástica com o simpósio, mantendo em cena a linguagem erótica do Fr. 25 de Sólon e dos *paidiká* mélicos. Mas, como naquele poeta, o elogio ao *país* é apenas tangencial. Ora se inserindo num lamento pelo “fim da meninice”, que coíbe as relações pederásticas (Fr. 21), ora narrando a viagem a uma idílica e utópica ilha onde tais relações serão sempre possíveis (Fr. 22), o poeta ensina e reforça, no âmbito do simpósio, as normas que pautam essas relações.

REFERÊNCIAS

- ALONI, Antonio; IANNUCCI, Alessandro. *L'elegia greca e l'epigramma dale origini al V secolo. Con un'appendice sulla 'nuova' elegia di Archiloco*. Firenze: Le Monnier Università, 2011.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Valor e mortalidade: um comentário a Sólon 18 G. e P. *PhaoS*, v. 5, p. 5-12, 2005.
- BARIGAZZI, Adelmo. Nuovi frammenti delle elegie di Simonide (Ox. Pap. 2327). *Museum Helveticum*, v. 20, p. 61-76, 1963.
- BARTOL, Krystyna. Between loyalty and treachery. P. OXY. 2327 fr. 1 + 2(a) col. I = Simonides 21 West²: Some reconsiderations. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, v. 126, p. 26-8, 1999.
- BOWIE, Ewen. Symptotic praise. *Gaia*, v. 6, p. 169-99, 2002.
- BOWRA, Cecil. *Early Greek elegists*. Cambridge: University Press, 1938.
- BREMMER, Jan Nicolaas. Adolescents, symposion, and pederasty? In: MURRAY, Oswyn (ed.). *Sympotica. A symposium on the symposion*. Oxford: Clarendon, 1990, p. 135-48.
- BREMMER, Jan Nicolaas. Pederastia grega e homossexualismo moderno. In: BREMMER, Jan Nicolaas. (org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papirus, 1995, p. 11-26.
- BRILLANTE, Carlo. “Simonide, fr. Eleg. 22 West²”. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, v. 64, p. 29-38, 2000.
- BRUNHARA, Rafael. *Uma poética do simpósio: a performance da elegia grega arcaica na Teognideia*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BUFFIÈRE, Félix. *Eros adolescent. La pederastie dans la Grèce antique*. Paris: Belles Lettres, 1980.
- BURZACCHINI, Gabriele. Note al nuovo Simonide. *Eikasmos*, v. 6, p. 21-38, 1995.

- CACIAGLI, Stefano. Amore fra ἔρως e φιλοτήs. In: CACIAGLI, Stefano. (ed.). *Eros e genere in Grecia arcaica*. Bologna: Pàtron Editore, 2017, p. 1-22.
- CALAME, Claude. *The poetics of eros in ancient Greece*. Trad.: J. Lloyd. Princeton: University Press, 1999.
- CATENACCI, Carmine. L'eros impossibile e ruoli omoerotici (Simonide, fr. 21 West²). *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, v. 66, p. 29-38, 2000.
- CLARK, Christina. Minos' touch and Theseus' glare: gestures in Bakkhylides 17. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 101, p. 129-53, 2003.
- D'ALFONSO, Francesca. Il ringiovanimento nelle terre dell'utopia. (Simonides 22 W² = P.Oxy. 2327 fr. 3 + 2A col. ii + B + 4 = P. Oxy 3965 fr. 27). *Rivista di cultura classica e medioevale*, v. 45, n. 1, p. 7-32, 2003.
- DAVIES, Malcolm (ed.). *Poetarum melicorum Graecorum fragmenta – I*. Oxford: Clarendon, 1991.
- DE MARTINO, Francesco; VOX, Onofrio. *Lirica greca II: lirica ionica*. Bari: Levante, 1996.
- DEGANI, Enzo; BURZACCHINI, Gabriele. *Lirici greci*. Bologna: Pàtron Editore, 2005. [1977].
- DOVER, Kenneth. Classical Greek attitudes to sexual behaviour. *Arethusa*, v. 6, p. 59-71, 1973.
- DOVER, Kenneth. *Greek homosexuality*. 2nd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- FERREIRA, Luísa de Nazaré. Referências cromáticas nos fragmentos de Simónides. *Humanitas*, v. 59, p. 29-48, 2007.
- FUENTES, Carmen. La expresión del sentimiento amoroso en Simonides. *Humanitas*, v. 54, p. 9-33, 2002.
- GENTILI, Bruno; CATENACCI, Carmine. *Polinnia*. Messina: G. D'Anna, 2007.
- GERBER, Douglas. *Euterpe: an anthology of early Greek lyric, elegiac, and iambic poetry*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1970.
- GERBER, Douglas. *Greek elegiac poetry*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- HUDSON-WILLIAMS, Thomas. *Early Greek elegy. The elegiac fragments of Callinus, Archilochus, Mimnermus, Tyrtaeus, Solon, Xenophanes, & others*. Cardiff, London: The University of Wales Press, Humphrey Milford, 1926.
- LINFORTH, Ivan. *Solon the Athenian*. Berkeley: University of California Press, 1919.
- MAEHLER, Herwig (ed.). *Pindarus – pars II: fragmenta, indices*. Leipzig: Teubner, 1989.
- MACE, Sarah. Utopian and erotic fusion in a new elegy by Simonides. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David (ed.). *The new Simonides. Contexts of praise and desire*. Oxford: University Press, 2001, p. 185-207.

- NOUSSIA, Maria; FANTUZZI, Marco. *Solone. Frammenti dell'opera poetica*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2001.
- NOUSSIA-FANTUZZI, Maria. *Solon the Athenian, the poetic fragments*. Leiden: Brill, 2010.
- PAGE, Dennys (ed.). *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon, 1962.
- PERCY, William. *Pederasty and pedagogy in archaic Greece*. Chicago: University of Illinois Press, 1996.
- POWELL, John (ed.). *Collectanea Alexandrina*. Oxford: Clarendon, 1970.
- RAGUSA, Giuliana. A tradição do *paidikón* na mélica grega arcaica: testemunhos e canções. *Phaos*, v. 17, p. 185-210, 2017.
- RAGUSA, Giuliana. Entre imagens de prazer e de amizade: Afrodite na elegia grega arcaica. *Classica*, v. 21, p. 52-70, 2008.
- RAGUSA, Giuliana. *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.
- RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael. *Elegia grega arcaica: uma antologia*. São Paulo: Ateliê, 2021. No prelo.
- ROMERO, Fernando. El 'nuevo Simónides', una década después. *Estudios clásicos*, v. 125, p. 17-44, 2004.
- RUTHERFORD, Ian. The new Simonides. Towards a commentary. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David (ed.). *The new Simonides. Contexts of praise and desire*. Oxford: University Press, 2001, p. 33-54.
- SIDER, David. Fragments 1-22 W²: text, *apparatus criticus*, and translation. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David (ed.). *The new Simonides. Contexts of praise and desire*. Oxford: University Press, 2001, p. 13-29.
- SLATER, William. Symposium at sea. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 80, p. 161-70, 1976.
- VOIGT, Eva-Maria (ed.). *Sappho et Alcaeus*. Amsterdam: Athenaeum, Polak & Van Gennepe, 1971.
- WEISS, Michael. *Erotica*: on the prehistory of Greek desire. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 98, p. 31-61, 1998.
- WEST, Martin. *Studies in Greek elegy and iambus*. Berlin: Walter de Gruyter, 1974.
- WEST, Martin. Simonides *redivivus*. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, v. 98, p. 1-14, 1993.
- WEST, Martin (ed.). *Iambi et elegi Graeci*. Oxford: University Press, 1998. v. 1-2. [1971].
- YATROMANOLAKIS, Dimitri. To sing or to mourn? A reappraisal of Simonides 22 W². In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David (ed.). *The new Simonides. Contexts of praise and desire*. Oxford: University Press, 2001, p. 208-25.